



**Veredas Temática:  
Linguística Latina: modelos, interpretações e análises linguísticas  
Volume 23 nº 1 - 2019**

---

**Contribuições da linguística estrutural para a abordagem do texto clássico: Reflexões no campo da tradução**

Beatriz Bueno Machado Rodrigues Torres (UNESP)  
Giovanna Longo (UNESP)

**RESUMO:** Este artigo apresenta discussões de um trabalho mais amplo que, considerando o contexto de ensino voltado a latinistas em formação nos cursos de Letras, propõe abordar a tradução de textos clássicos latinos em sala de aula, a partir dos conhecimentos fornecidos pela teoria da linguagem de base estruturalista. Além de ler os textos originais enquanto objetos culturais, entende-se que uma das tarefas a que pode se dedicar o estudioso da língua latina é a de divulgar a cultura clássica àqueles que não dominam o idioma, por meio da tradução. Pretende-se demonstrar como as noções da linguística estrutural, de texto, valor e equivalência podem ser pertinentes para pensar a tradução dos textos clássicos latinos. Para isso, será tomado como exemplo um epigrama do poeta Marcial.

Palavras-chave: linguística; latim; ensino; tradução.

## Introdução

O estudo de uma língua se legitima quando se tem em vista o conhecimento da cultura dela indissociável. Nesse sentido, aos estudiosos da linguagem verbal que se dedicam à língua latina, é fundamental reconhecer os registros escritos legados pelos antigos romanos como objetos culturais, únicos na maneira de expressar a cultura à qual pertencem.

O entendimento de que os textos em latim legados pela Antiguidade Clássica tenham sido produzidos por falantes naturais dessa língua – isto é, para quem viver consistia em comunicar-se e expressar-se em latim<sup>115</sup> – é muitas vezes dificultado, de um lado, pela distância temporal que separa essa cultura dos dias atuais e, de outro, pela imagem do latim, construída ao longo de séculos pela tradição escolar como um código artificial de erudição.

As contribuições da ciência linguística para descrição e ensino do latim – conforme os estudos precursores de Lima (1992, 1995) – permitem, a partir da moderna concepção de linguagem, compreendê-lo como língua materna, isto é, como principal sistema simbólico que expressa a cultura de um povo. Essa concepção de língua e de linguagem é fundamental para compreender os textos latinos, escritos por seus falantes naturais, como objetos culturais. Dessa perspectiva, pode-se perceber mais claramente a densidade humana dessas manifestações, cuja leitura é tão essencial aos que, enquanto especialistas da linguagem verbal, se dedicam ao estudo da língua clássica.

Vale ressaltar que, do ponto de vista linguístico, “uma manifestação escrita em latim será sempre o registro de um uso resultante de escolhas estilisticamente conscientes realizadas por um falante natural, dotado da capacidade ilimitada de produzir enunciados” (LONGO, 2011, p.2012). Essa capacidade permitiu poetas como Ovídio, Virgílio, Horácio e Marcial, por exemplo, explorarem os recursos da linguagem verbal em seu mais alto grau. O fato de ter restado aos dias atuais apenas registros escritos com essas características não pode fazer pensar que, na cultura romana, as pessoas falassem como os grandes autores escreviam. Entender o latim como língua materna é justamente ter a clareza de que a existência de escritores notáveis pressupõe a natural existência de todas as variantes linguísticas próprias de cada cultura humana.

A partir desses pressupostos, pode-se entender que o estudioso da língua dos antigos romanos que se interesse pela investigação da linguagem como objeto do saber humano poderá assumir para si um duplo papel: o de ler os textos originais enquanto objetos únicos em sua forma de expressar a cultura, garantido pela sua formação linguística; e o não menos importante de divulgar a cultura clássica àqueles que não dominam o idioma e que, por essa razão, estariam fadados a sofrer a irreparável perda anunciada por Lima (2000, *apud* LONGO, 2011, p.210):

A primeira e mais forte razão para o estudo programado de línguas antigas é terem elas servido de expressão a obras, cujo desconhecimento, por assim dizer, sistemático representará para o homem a perda irreparável de alguns dos documentos mais representativos da sua capacidade criadora.

É por meio desse acesso, tido e compartilhado, que o especialista poderá cumprir com aquela dupla função. Torna-se, assim, central no processo de formação daqueles que se dedicam

---

<sup>115</sup> Seja como primeira ou como segunda língua, conforme mostra o importante estudo de Adams (2008), o qual, a partir de uma análise sociolinguística metódica de grande variedade de fontes textuais, permite compreender que o bilinguismo existente no território dominado pelos romanos era muito mais comum do que atestam os estudos tradicionais.

a questões sobre a linguagem verbal e têm como interesse o estudo dessa cultura com atividades como as de leitura e tradução.

Considerando, pois, a atividade tradutória, meio privilegiado de contato entre línguas e culturas, como um dos principais objetivos de uma formação em letras clássicas que se faça nessa perspectiva, formação esta cujas práticas de ensino e aprendizagem voltam-se essencialmente para a aquisição da competência receptiva escrita, o presente artigo apresentará alguns conceitos de base linguística tomados como pertinentes para o encaminhamento de questões voltadas para o trabalho com tradução em sala de aula.

Cumprе ressaltar que as ideias aqui discutidas são parte de uma pesquisa mais ampla que vem empreendendo uma reflexão que toma a tradução de textos clássicos como um problema ao mesmo tempo de língua e de linguagem, à luz da teoria linguística moderna – em especial, a linguística saussuriana, e seu desenvolvimento por Hjelmslev, e a Semiótica de Greimas. E a partir dessa reflexão, são encaminhadas propostas metodológicas voltadas ao ensino de tradução de textos clássicos, especialmente os da literatura clássica latina, como importante forma de conservação e transmissão da herança linguística, literária e cultural legada pela civilização romana, quando se tem em vista a ampliação do acesso à Cultura Clássica e aquela dupla função do especialista.

## 1. Texto e valor: conceitos linguísticos aplicados à tradução

Um ensino reduzido a práticas de recepção escrita impõe à dinâmica de leitura dos textos latinos uma fluência bem diferente daquela que se pode ter na leitura de textos de línguas estrangeiras modernas. A leitura do latim dependerá sempre de uma primeira etapa, metalinguística, que permita a compreensão dos sentidos mais superficiais. É por essa razão que, de acordo com Lima (2003, p.13),

tratando-se das línguas antigas, é com pelo menos duas acepções da tradução que se há de trabalhar: 1) a que, considerada a enorme distância em que o tradutor moderno se encontra da vida quotidiana e coloquial do idioma do qual deve traduzir, o obriga ao trabalho, frase a frase, em que, por isso mesmo, o resultado da tarefa de traduzir não se distingue muito da análise ou descrição do sistema gramatical. [...] As exigências quanto a esse tipo de tradução não vão além dos conhecimentos subministrados pelos gramáticos e gramáticas da tradição e pelas outras obras de referência, no que concerne ao léxico, ou antes, às definições léxicas ali consagradas; 2) a que, segundo uma concepção moderna, se pode quem sabe designar por tradução discursivo/textual, ou tradução simplesmente; é aquela que assim se pode definir: “é a procura de um equivalente, e não de um substituto. Requer pelo menos uma afinidade estilística, quando não, psicológica” (BRODSKY, 1994, p.86).

A primeira é denominada *tradução de referência*, que nada mais é do que um correspondente literal do texto, uma transposição termo a termo, ao qual se chega a partir da análise morfosintática e lexical do enunciado (LONGO, 2011, p.68). Esse exercício deve ser entendido como uma etapa imprescindível para realizar a leitura. É, portanto, um meio e não um fim: um meio para acessar o texto original e proceder à leitura dos sentidos para além daqueles engendrados pelas estruturas linguísticas, reconhecíveis através do exercício. Já a segunda é o que se compreende por tradução propriamente dita que, de acordo com Greimas e Courtès (2013, p.508), é “a atividade cognitiva que opera a passagem de um enunciado dado

em outro enunciado considerado como equivalente”. Na formação do especialista, em um curso que proponha uma disciplina de tradução de textos clássicos, por exemplo, entende-se que a segunda aceção deve ser tida como seu principal objetivo, para cujo alcance a primeira é fundamental. É nesse sentido que se pode afirmar que toda tradução pressupõe uma leitura que, em latim, será proporcionada primeiramente pelo exercício metalinguístico, aqui denominado tradução de referência.

É, pois, a partir dessa perspectiva que se propõem alguns encaminhamentos no processo de formação do especialista em latim que, ao objetivar traduzir textos originais para dar acesso àqueles que não conhecem o idioma, ainda não perca de vista, também, o que preconiza Britto (2016, p.55):

cabe ao tradutor, dentro dos limites do idioma com que trabalha, e de suas próprias limitações pessoais, produzir na língua-meta um texto que seja tão próximo ao texto-fonte, no que diz respeito às suas principais características enquanto obra literária, que o leitor de sua tradução possa afirmar, sem estar mentindo, que leu o original.

Sobre esse ponto, vale uma observação bastante simples, porquanto amparada apenas naquilo que se pode atestar empiricamente na prática de leitura de textos literários, seja ela realizada no meio acadêmico ou fora dele. Quem quer que já tenha lido obras escritas originalmente em idioma que não a sua própria língua materna, como por exemplo *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, ou *Anna Karenina*, de Liev Tolstói, já pôde afirmar com segurança ter lido esses clássicos da literatura mundial. A esse leitor não acomete a hesitação de que talvez, por ser o texto lido uma tradução, jamais tenha lido Flaubert ou Tolstói. Quando se propõe a ler um desses livros, traduzidos em seu idioma, aspira-se ler o livro de Flaubert e o de Tolstói, e poder crer que os leu. Ninguém que se dedica à leitura de *Madame Bovary*, em qualquer idioma que não o francês, busca ler outra coisa senão *Madame Bovary* de Flaubert. É nesse sentido que se entende que o tradutor deva ter em vista que a tradução de uma obra em alguma medida proporcione ao leitor da língua de chegada uma oportunidade de experiência de leitura o mais semelhante possível àquela oferecida ao leitor da obra em seu idioma original.

Cabe aqui, ainda que brevemente, um esclarecimento quanto ao que se está chamando “experiência de leitura”. Entende-se leitura como um processo ao mesmo tempo de *apreensão* e de *atribuição* de sentido. Da perspectiva da apreensão, o processo consiste em um fazer receptivo em que o texto é tomado como um todo estruturado cujo sentido deve-se compreender. Já da perspectiva da atribuição, o processo consiste em um fazer interpretativo, no qual o leitor confere sentido ao que é capaz de perceber no texto.

Esse entendimento da leitura como uma “via de mão dupla”, que faz a ênfase recair ora sobre o texto, ora sobre o leitor, permite reconhecer que, muito embora alguns textos, como os literários, permitam mais de uma interpretação, o número de leituras nunca será ilimitado: “às coerções inscritas no próprio texto, acrescentam-se as do meio sociocultural circundante: a competência textual do leitor encontra-se inscrita e condicionada pela episteme que recobre um estado sêmio-cultural dado” (GREIMAS e COURTÈS, 2013, p.282). Assim, quando se fala em experiência de leitura do original, não está se referindo ao processo que permite a atribuição de sentidos, que decorrem da leitura concreta de um sujeito receptor, seja ele contemporâneo ou não ao momento de produção desses textos; impossível seria individualizá-la e apreendê-la. A noção de experiência de leitura no presente trabalho reporta-se ao modo como o sentido é construído no texto e, então, disponibilizado à apreensão do leitor.

Essa concepção de leitura está em consonância com a noção semiótica de texto, que, segundo Barros (2002, p.7):

define-se de duas formas que se complementam: pela organização, ou estruturação que faz dele um “todo de sentido”, e como objeto da comunicação que se estabelece entre um destinador e um destinatário. A primeira concepção de texto, entendido como *objeto de significação*, faz com que seu estudo se confunda com o exame dos procedimentos e mecanismos que o estruturam, que o tecem como um “todo de sentido”. [...] A segunda caracterização de texto não mais o toma como *objeto de significação*, mas como *objeto de comunicação* entre dois sujeitos. [...] Nesse caso, o texto precisa ser examinado em relação ao contexto sócio-histórico que o envolve e que, em última instância, lhe atribui sentido.

Recorrente nos tratados de semiótica francesa, o primeiro aspecto permite entender o texto como “uma estrutura, no sentido de que ele é um todo organizado de sentido, que é composto por procedimentos linguísticos próprios” (FIORIN, 2012, p.146). Todo texto possui um nível interno de estruturação constituído por recursos linguísticos (categorias gramaticais, matrizes sintáticas, conteúdos lexicais) responsáveis por acionar os mecanismos que engendram os sentidos, que poderão ser apreendidos pela leitura. Já o segundo aspecto, que toma o texto como objeto de comunicação, vincula-o ao contexto de produção, marcado sobretudo por fatores históricos, sociais e ideológicos. Os sentidos que se podem atribuir a partir da leitura interpretativa dependem do conhecimento que o leitor possui e de outros fatores externos ao texto.

Por sua vez, o entendimento da tradução como equivalência, conforme anteriormente destacado, faz crescer a pertinência desses desdobramentos das concepções de texto e de leitura. Afinal, essas definições que apresentam cada qual duas perspectivas conceituais permitem compreender em que medida, isto é, sob qual perspectiva, se pode estabelecer o que se entende no presente trabalho por equivalência, que, frise-se, aqui, não se confunde com “igualdade”, embora no campo dos estudos tradutórios esses termos sejam tomados, muitas vezes, como sinônimos. Considerando que a formação do especialista em latim está inserida, em geral, nos quadros dos cursos de Letras, que possuem em seus currículos carga considerável de conteúdos teóricos na área de estudos da linguagem, pretende-se demonstrar de que maneira conceitos linguísticos de base estrutural<sup>116</sup> como *valor e significação* corroboram a noção de *equivalência* em linguagem e podem ajudar a desfazer a confusão com a noção de “igualdade”, mostrando-se, por isso, pertinentes para pensar o processo de tradução do texto clássico.

A ideia de equivalência<sup>117</sup> encerra a de *valor*. Para pensar a equivalência como um conceito apropriado ao trabalho de aproximação entre línguas diferentes, recorre-se à concepção saussuriana de valor linguístico. A partir do *Curso de Linguística Geral*, compreende-se que esse conceito está na base da própria concepção de *língua*, entendida como sistema de valores puros, isto é, *de relações opositivas e negativas* (2012, p.122). É nesse sentido que um valor pressupõe um sistema. Já a significação é um dos aspectos do valor e,

---

<sup>116</sup> A despeito da forte crítica que alguns estudiosos da tradução fazem ao estruturalismo, “acusado de excluir o sujeito de seu escopo” (NUNES, 2012, p.40).

<sup>117</sup> De acordo com o Dicionário Houaiss, a palavra tem origem no latim: *aequivalẽo, es, ùi, ïtum, ãre* 'ter igual valor'.

segundo Saussure, é decorrente da associação da imagem acústica (significante) com o conceito (significado). No entanto, afirmar que uma palavra significa alguma coisa, isto é, ater-se àquela associação, é realizar “uma operação que pode, em certa medida, ser exata e dar uma ideia da realidade; mas em nenhum caso exprime o fato linguístico na sua essência e na sua amplitude” [...]. Isso porque o conceito não é senão um valor determinado por suas relações com outros valores semelhantes e sem os quais não poderia haver significação. Não existe, portanto, significação sem valor (LONGO, 2006, p.59-60).

Considerando o princípio formal de que “as diferenças entre as línguas não provêm das realizações diferentes de um tipo de substância, mas das realizações diferentes de um princípio de formação” (HJELMSLEV, 2013, p. 80), entende-se que é em razão de se caracterizarem como diferentes sistemas de valores que a correspondência entre línguas não pode se dar em perfeita conformidade (LOPES, 1976, p.24).

A busca por um equivalente no trabalho de tradução como aqui se propõe não se confunde, portanto, como uma prática que estabelece um texto pretensamente igual ao original, o que a teoria linguística mostra ser tarefa impossível. Textos que buscam essa pretensa igualdade se caracterizariam por serem muito literais, o que, como será visto, não convém à tradução, sobretudo de textos literários.

A tarefa de se estabelecer um equivalente em tradução pode ser empreendida uma vez que se tome, da dupla acepção proposta por Barros, o texto por uma perspectiva formal, isto é, como *objeto de significação*. Isso porque, sob esse aspecto estrutural, é possível aproximar diferentes línguas e textos nelas produzidos. É desse modo que a construção do sentido no texto de chegada pode ser equivalente à construção do sentido no texto original.

Muito embora, na leitura pressuposta a todo processo de tradução, também estejam implicados fatores externos ao texto, isto é, aqueles que permitem compreendê-lo como *objeto de comunicação*, e que, como afirmou Barros, em alguma medida lhe atribuem sentido, entende-se que uma tradução como produto é sempre outro texto, inserido em outro contexto, que projeta outros sujeitos. É nesse sentido que se pode dizer que, enquanto objeto de comunicação, o texto traduzido se faz novo e se afasta do original, na medida em que há, em suma, outro emissor, outro receptor e outro contexto de enunciação que não coincidem com os do texto-fonte.

No texto enquanto objeto de significação, os termos que o integram são revestidos de *valor* a partir da relação que estabelecem com demais, dentro daquela estrutura. Entende-se, aqui, que vale para o texto tomado como objeto de significação, enquanto estrutura dotada “de uma organização interna que lhe é própria” (GREIMAS e COURTÈS, 2013, p.183), o que disse Saussure (2012, p 104) em relação ao sistema linguístico, comparando-o ao jogo de xadrez: “o valor respectivo das peças depende da sua posição no tabuleiro, do mesmo modo que na língua cada termo tem seu valor pela oposição aos outros termos”. No texto, “o sentido de uma parte depende da relação com o todo” (FIORIN, 2012, p.147) assim como a língua é “um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta somente da presença simultânea de outros” (SAUSSURE, 2012, p.161). A ideia de que “cada um dos [...] termos [...] está constituído por todo um jogo de oposições dentro do sistema” (SAUSSURE, 2012, p.169) é premissa básica para compreender como se dá a construção do texto clássico enquanto objeto de significação.

## 2. O exercício tradutório: encaminhamento metodológico

Para demonstrar como podem ser encaminhadas as questões anteriormente expostas, de modo a permitir a avaliação da pertinência de alguns desses conceitos linguísticos para pensar a tradução, junto com a sua prática, e a reflexão sobre dificuldades impostas ao se traduzir um texto original legado pelos antigos romanos, cuja língua materna não se fala mais há séculos, toma-se como exemplo um epigrama do poeta Marcial. A escolha do texto se deveu, sobretudo, à sua brevidade, compatível com os propósitos de uma apresentação que se pretende passível de ser objetivamente demonstrada.

Marcial (*Marcus Valerius Martial*) foi um poeta romano que viveu no século I d.C. e ganhou notoriedade ainda em vida por sua vasta produção epigramática. O epigrama é um gênero que surgiu na Grécia Antiga para fins comemorativos e práticos, caracterizado por poemas cuja brevidade constituía sua essência. A princípio gravados em peças utilitárias, como urnas funerárias e taças de vinhos, nasceu como um gênero popular sem nenhuma ambição à grande literatura, mas ganhou com Marcial, considerado o mestre do epigrama em língua latina, reconhecimento artístico.

Marcial publicou em livros seus epigramas e seus temas variavam, abrangendo desde alguns já comuns à tradição, como os de motivo funerário, dotados de uma delicadeza no trato sobre a morte, aos mais vulgares retratos da intimidade humana. Com o predomínio de uma linguagem tão próxima ao cotidiano dos romanos quanto as experiências retratadas, Marcial foi aclamado pelo público (CONTE, 1999, p.509). Conforme consta nos tratados de Literatura Latina:

Its precisely its realism, its closeness to actual life, that Martial claims as the distinctive mark of his poetry and he proudly regards this as confirmed by the enormous acclaim with which the public receive it. [...] It is, in short, a poetry that combines practical usefulness and literary amusement, painting an incisive and variegated picture of everyday reality with all its contradictions and paradoxes. (CONTE, 1999, p.507)

Cenas obscenas, retratadas com realismo, críticas e chacotas dotadas de um humor, no mínimo, ácido foram, de fato, características marcantes de sua obra e contribuíram para sua popularidade. Os epigramas de Marcial são, em sua maioria, marcados pela brevidade, concisão e por uma técnica, a qual Conte denominou *closing quip*, isto é, um desfecho zombeteiro, que revela a dimensão cômico-satírica do poema que, muitas vezes, encontra-se anunciada desde o seu início.

Apesar serem publicados em livros, e não gravados em peças utilitárias, como originalmente, os epigramas de Marcial preservaram a pretensão original do gênero de apresentar-se como poema de ocasião, ou poema de instante, ao manter a brevidade, a linguagem ordinária e a temática próxima ao cotidiano dos romanos.

O poema selecionado como exemplo de análise é o de número 71, do livro VII de Epigramas de Marcial, que ora se apresenta, seguido de uma tradução de referência:

Original:

*Ficosa est uxor, ficosus et ipse maritus,  
filia ficosa est et gener atque nepos.  
Nec dispensator nec uillicus ulcere turpi  
nec rigidus fossor, sed nec arator eget.  
Cum sint ficosi pariter iuuenesque senesque,  
res mira est, ficos non habet unus ager.*

(MARTIAL, 1931)

Tradução de referência<sup>118</sup>:

*Figosa* é a esposa, e *figoso*, o próprio marido,  
A filha é *figosa*, e o genro e também os netos,  
Nem o administrador, nem o caseiro,  
Nem o rígido agricultor, mas nem o lavrador está privado da torpe ferida.  
Como são *figosos* tanto os jovens quanto os velhos,  
O fato é estranho, a propriedade [é a] única [que] não tem figos.

Nota-se que a leitura da tradução de referência já revela sem grande mistério a principal dificuldade imposta pelo texto de Marcial à sua tradução, propriamente dita, para o português.

O obstáculo se impõe principalmente no que se refere ao léxico utilizado pelo poeta. Nos versos originais, a partir do substantivo *ficus*, Marcial emprega a forma adjetiva *ficosus*, a partir da qual, na tradução de referência, optou-se pela literalidade do neologismo “figoso(a)”. Interessante observar que essa forma adjetiva latina empregada pelo poeta não possui entrada própria nos dicionários de latim, assim, quando registrada, aparece dentro do verbete de *ficus*, relacionada ao seu sentido figurado.

O primeiro sentido que o dicionário latino-português de Faria (2003) apresenta do substantivo *ficus* é “figueira” ou “figo”. Este é o sentido próprio da palavra, mas, tanto Faria (2003) quanto Saraiva (2006) registram para *ficus* o sentido figurado de “hemorroidas”. Considerando que o sufixo *-osus*, formador de adjetivos a partir de temas de substantivos, imprime um sentido de intensidade ou abundância, a forma adjetiva *ficosus* seria entendida como “cheio de figueira ou figo”, ou, levando em conta o sentido figurado registrado pelos dicionários, “cheio de hemorroidas”.

Sendo assim, o poeta brinca, no epigrama, com os campos semânticos dos sentidos próprio e figurado da palavra *ficus*, e conseqüentemente de sua forma adjetiva *ficosus*. O primeiro remete ao meio agrícola, ou à natureza, enquanto o segundo à enfermidade, ou ferida. E é a partir da aglutinação desses dois campos semânticos que Marcial cria o humor em seu epigrama. Nos cinco primeiros versos, é explorado o sentido figurado de *ficus*, a partir da forma adjetiva, mas no último verso – *res mira est, ficos non habet unus ager* – o poeta recupera, para criar o humor proveniente dessa polissemia, o primeiro sentido da palavra, ou sentido próprio, o que se denuncia pela própria estrutura sintagmática de que ela participa (em que “*ficos*” está relacionado a “*unus ager*”, isto é, ao campo semântico da natureza).

Em relação à tradução propriamente dita, o fato é que o adjetivo latino *ficosus* não apresenta um correspondente lexical em português. Já o substantivo *ficus* (do qual deriva *ficosus*) possui os correspondentes “figo” ou “figueira”, mas que, por sua vez, não remetem imediatamente, isto é, em uma leitura espontânea, em língua portuguesa, a qualquer sentido relacionado à ferida ou enfermidade, o que garantiria a compreensão do jogo de sentido do original.

Diante disso, verifica-se que o tradutor tem, pelo menos, duas opções: a) traduzir o epigrama mais literalmente, ou mais semelhante à língua-fonte, empregando na língua de chegada ou a expressão “cheio(a) de figos” ou o neologismo “figoso(a)”, fundamentado na sua

---

<sup>118</sup> Conforme dito anteriormente, essa tradução de referência deve ser entendida como uma prática de primeira leitura. Sua função é meramente instrumental, ou seja, ela visa apenas permitir a compreensão dos conteúdos superficiais do texto original latino. A partir de um exercício metalinguístico, buscou-se transpor os componentes léxico e morfossintático do latim para o português, a fim de possibilitar uma primeira compreensão do texto clássico e, posteriormente, a leitura e análise do texto no original. O resultado desse exercício é um texto em vernáculo o mais literal possível em relação à língua de partida, e que, portanto, não deve ser confundido com uma tradução propriamente dita, que se pretende um equivalente para o texto original.

competência de falante, ou seja, no seu conhecimento do processo de formação de palavras no português, e, então, suprir o sentido figurado do original (relacionado a enfermidade ou ferida) com uma nota; ou b) buscar um outro termo, semanticamente *equivalente* no português corrente, que una, em seus sentidos próprio e figurado, os dois campos semânticos em jogo no poema de modo que dê conta de expressar o todo de sentido do epigrama, isto é, um termo cujo sentido próprio remeta ao campo semântico da natureza, ou meio agrícola, e cujo sentido figurado, ao campo semântico das enfermidades.

Quanto à primeira opção, reconhece-se que o emprego de “cheio(a) de figo” ou do neologismo “figoso(a)” levaria o tradutor a recorrer a uma nota, um elemento extratextual, para garantir ao leitor a apreensão da polissemia fundamental à compreensão do poema. Esta, de fato, é uma possibilidade, mas há que se observar que adotá-la suscitaria uma experiência de leitura fragmentada ao falante de português, uma vez que o entendimento do humor do epigrama, e até mesmo do próprio epigrama, estaria confiado a um elemento fora do próprio texto. E observe-se que não se está diante de uma nota de cultura, muitas vezes necessárias ao entendimento de elementos da cultura clássica que são distantes dos tempos atuais e, por isso, muitas vezes estranhos, mas sim de uma nota de natureza meramente lexical, necessária para o entendimento da palavra em português usada na tradução e, conseqüentemente, do próprio epigrama em português. A nota de cultura permite compreender referências do original, e não se discute sua pertinência enquanto elemento extratextual nas traduções de textos clássicos; já no caso em análise, diferentemente, a nota seria inserida para permitir ao leitor entender o próprio texto vernáculo em português, independentemente de ser uma tradução de um texto clássico.

Nesse caso, entende-se que uma tradução que assim se construa se afasta da própria natureza do gênero epigramático como poema de instante, cuja linguagem se apresenta cotidiana e próxima ao leitor, além de sacrificar, também, a reprodução da própria técnica característica dos epigramas de Marcial, chamada por Conte, como já mencionado anteriormente, de *closing quip*. Afinal, optar pelo neologismo *figoso* e pela nota que lhe descreva o sentido retira do desfecho do poema a revelação instantânea do humor esculpido desde o início do epigrama, na medida em que o falante de português, ao terminar de lê-lo nesta configuração, muito provavelmente não terá apreendido a dimensão cômico-satírica como o teria o leitor do original.

Como lembra Hjelmslev (2013, p.60), “as possibilidades que a linguagem pode utilizar são infinitamente grandes, mas permanece o fato característico de que cada língua coloca suas próprias fronteiras no interior dessa infinidade de possibilidades”.

Observe-se aqui que a noção de *valor* impõe a sua pertinência. No texto latino, o termo *ficosus* se reveste de um *valor*, próprio daquela estrutura, a partir da relação que estabelece com os demais termos do poema. Uma tradução que se proponha equivalente ao original no que se refere à construção do sentido no texto deve considerar o termo *ficosus* não isoladamente, pensando meramente na sua significação lexical, ou no sentido a ele atribuído pelo dicionário, mas no *valor* nele investido dentro daquela estrutura. O termo *ficosus* se reveste, assim, de um *valor* dentro do texto latino que o integra enquanto todo organizado de sentido, e é a partir desse *valor* que se dá a construção de sentido do epigrama, o que independe do sentido atribuído ao termo isoladamente.

A partir dessas considerações, a segunda opção para a tradução parece se apresentar como mais adequada, ao menos se o tradutor tem a intenção de reproduzir uma experiência de leitura equivalente na língua de chegada, em uma tradução que preserve do original suas “principais características enquanto obra literária” (BRITTO, 2016, p.55), como a natureza de poema de instante, inerente ao gênero epigramático, e a técnica *closing quip*.

Diante disso, a questão passa a ser encontrar um termo em português, da linguagem cotidiana, que abarque, nas suas possibilidades de sentido próprio e figurado, os campos semânticos do meio agrícola, ou da natureza, e da doença, ou enfermidade, respectivamente, de modo a possibilitar o jogo com os diferentes sentidos e a produção de humor a partir da polissemia que a aglutinação desses campos semânticos possibilita.

O termo selecionado, que mais pareceu se adequar ao epigrama e se revestir de um *valor*, dentro da estrutura do texto em português, semelhante àquele de que se reveste o termo latino no original, foi o substantivo “bicho”, cujo sentido próprio é inerente ao campo semântico da natureza e que em sua forma adjetiva “bichado” apresenta um sentido figurado que remete ao campo semântico das doenças, ou enfermidades<sup>119</sup>. Assim, é possível a reprodução da aglutinação dos dois campos semânticos na tradução e, a partir disso, a produção de um humor construído de forma equivalente ao que se tem no original.

Para além da escolha lexical aqui discutida, considerada desafio central para quem se dedica à tradução deste epigrama, vale ressaltar que as características próprias ao gênero e ao poeta latino foram levadas em consideração no processo de elaboração da tradução, propriamente dita, como um todo. Veja-se a proposta:

Bichada é a esposa,  
e bichado, o marido.  
A filha bichada é,  
e o genro, e também os netos.  
Nem caseiro, nem feitor,  
nem o bronco agricultor,  
nem sequer o lavrador,  
escapam do ascoso azar.  
Bichados jovens e velhos,  
fato é de se pasmar:  
A propriedade é a única  
sem bichos a ostentar.

Na tradução apresentada, buscou-se proporcionar ao leitor da língua de chegada uma experiência de leitura o mais próxima possível do original, no que se refere à construção do sentido no texto e, conseqüentemente, à sua disponibilização à apreensão do leitor. A escolha pelo termo “bichado” como equivalente em português ao termo latino *ficosus* garante a compreensão imediata, cara ao poema de instante, da dimensão cômico-satírica que se revela no último verso do poema, preservando também a técnica característica do poeta *closing quip*.

É importante registrar que a proposta de tradução do epigrama do poeta Marcial aqui apresentada, assim como toda tradução, pressupõe uma leitura do original, que, por sua vez, se vincula aos pressupostos teóricos aqui expostos, o que não invalida outras possibilidades de leitura e tradução.

## Considerações finais

A partir deste breve exemplo, é possível notar que dispor do instrumental teórico da linguística, além de permitir a compreensão do latim como língua materna, pode auxiliar o

---

<sup>119</sup> “1.que tem bicho (inseto ou verme); estragado por bicho, comida de bicho, bichoso; 2.com a saúde estragada; velho, carcomido ou doente [...]” (Dicionário Houaiss).

latinista que se dedica à tradução não só a fundamentar suas escolhas tradutórias, mas a fazê-las de modo mais objetivo. Assim, uma formação em Letras Clássicas que tenha em vista a dupla função do especialista pode encontrar, nessa proposta de encaminhamento para a tradução de textos, um recurso metodológico interessante e enriquecedor para a ampliação do acesso a essa cultura.

Com os conceitos linguísticos aqui discutidos e aplicados, pretendeu-se expor reflexões iniciais de um trabalho mais amplo que propõe construir, sobre bases linguísticas, uma reflexão sobre tradução de textos antigos, em especial os da literatura latina clássica, com vistas a servir de base para o encaminhamento de questões voltadas para o ensino de tradução de textos clássicos ao especialista em Letras Clássicas, especialmente, em Língua Latina.

Considerando que todo estudioso das Letras se vale de instrumentação auferida à teoria da linguagem em sua concepção moderna, entende-se que essa proposta de trazer a reflexão sobre a tradução à luz desse instrumental teórico para a sala de aula, voltada especificamente para os latinistas em formação, pode trazer resultados bastante satisfatórios para a difícil tarefa do tradutor, ao mesmo tempo em que contribui para a divulgação e disseminação de textos clássicos, ampliando as possibilidades de acesso à essa importante área do saber humano.

### **Structural linguistics contributions for the approach of Classical texts: reflections on the translation domain.**

**ABSTRACT:** This paper presents discussions from a wider research that, considering the teaching context directed to Latinists in qualification at Language Courses, proposes to approach the Classical texts translation in classroom, stemming from the knowledge provided by the structuralist language theory. Besides reading the original texts as cultural objects, it is understood that one of the tasks that the Latin students can be dedicated to is disseminating the Classical Culture to those who do not dominate the language, through translation. This study intends to demonstrate that the structural linguistics concepts of text, value and equivalence can be pertinent to think about the Latin Classical texts translation process. For that, a Martial's epigram is taken as an example.

Keywords: linguistics; Latin; teaching; translation.

### **Referências Bibliográficas**

ADAMS, J. N. *Bilingualism and the Latin Language*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2008.

BARROS, D. L. P. *Teoria Semiótica do texto*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

BRITTO, P. H. *A tradução literária*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CONTE, G. B. *Latin Literature: a history*. Translated by Joseph B. Solodow. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999.

FARIA, Ernesto. *Dicionário latino-português*. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Garnier, 2003.

FIORIN, J. L. Da necessidade de distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, B. e SOUZA-E-SILVA, M. C. *Texto ou Discurso?* São Paulo: Contexto, 2012.

GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2013.

HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Trad. Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LIMA, Alceu Dias. *Uma estranha língua?: questões de linguagem e de método*. São Paulo: Edunesp, 1995.

\_\_\_\_\_ (Org.) et al. *Latim: da fala à língua*. Araraquara: UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. Possíveis correspondências expressivas entre latim e português: reflexões na área da tradução. *Revista Itinerários*, Araraquara, SP, número especial, p.13-22, 2003.

LONGO, G. *Ensino de Latim: reflexão e método*. 2011. 248f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2011.

MATIAL. *Les Épigrammes*. Texte établi, traduit et annoté par Pierre Richard. Paris: Garnier, 1931.

SARAIVA, F. R. dos S. *Novíssimo dicionário latino-português*. 12a ed. (fac-similar). Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Garnier, 2006.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. 25a ed. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.

**Data de envio: 19 de abril de 2019**

**Data de aceite: 23 de agosto de 2019**